

COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 429

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte. — As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 1\$600 rs. — Semestre 850 rs. — Provincias, anno 2\$400 rs e sendo duas 4\$000 rs. — Semestre 1\$250 rs. — Brazil, anno 4\$400 rs. — Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca. — Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA — SABBADO 4 DE DEZEMBRO

O legitimismo em Portugal.

Não descortinou ainda ninguém meio algum de fazer triunfar uma politica sem o labor assiduo, e o sacrificio honroso, pela abnegação e pelos extorços.

E' ridiculo que se apregoem principios d'intransigencias, e se memorem preteritos soffrimentos e rissonhas esperanças, entregando aos caprichos do acaso a sorte e o triunfo de uma causa.

Os defensores de um principio que tal praticam, abdicaram do brio e da honra.

Do brio por que soffrem impassiveis as affrontas da infamia, e assistem cobardes á dissolução completa de elementos que em suas mãos está salvar, e ao seu dever pertence manter a honra, porque abandonam no transe supremo a patria, e prejuram sobre a campa de nossos paes quebrado o solemne protesto de pugnar pelos santos principios que os levaram a derramar o sangue de martyres no campo glorioso dos combates.

O Portugal legitimista está dando á Europa um vergonhoso testimonho, que desdiz das suas tradições e dos brios nacionaes, manifestados sobejamente em todas as épocas, quando n'esta terra havia patriotismo e honra.

Parece que a corrupção revolucionaria mais contaminou os homens que se chamam legitimistas do que propriamente os que se alcañham de liberaes.

Ahi se vêem os corrilhos liberaes buscando engrandecer-se, engrossar pela aquisição de adhesões valiosas, fortalecendo-se pela união, offerecendo-se á lucta, muitas vezes desigual com o poderio dos governos, conspirando nas trevas ou affrontando-se á luz do dia, ora na orbita legal, ora á mão armada, combatendo quasi sempre pelo egoismo e pelas ambições pessoais, escalando o poder; umas vezes batendo-se corajosamente em retirada, outras vezes cautando victorias, mas traba-

lhando sempre e obtendo sempre um proveito relativo.

Os legitimistas não; esses esperam e soffrem!

O leão de 1833, batido na floresta, esfaumado e sedento, quebradas a forças e sem poder ter-se cahiu prostrado á margem do ribeiro, á espera que as aguas lhe corram para a lingua, ou que o viandante, que lhe dá inutilmente com a ponta do pé, o levante pela juba. De nada lhe valeram a força e os brios d'outrora.

Sente que se lhe apaga a luz dos olhos, e para se não convencer da verdade fecha-os!

Conhece que os morganhos lhe roem as garras, mas conforma-se e consola-se por que foi soberbo e poderoso!

E espera sempre! E morrerá esperando, sem dar um passo mais para a infamia que corre ao lado, e cuja agoa o podia salvar.

Quando nos planos d'África a gloria de Portugal, a honra dos portuguezes, victimou o infeliz rei D. Sebastião, levantou-se um partido, que tambem teve as suas crenças profundas e as suas esperanças fagueiras. Esperou! Esperou annos; morta uma geração veio outra, que esperou tambem. Deslisaram seculos, e esperou sempre; e ainda ahi se vêem passar junto do solar arcaico, onde vive alguma senectude no isolamento de venerandas intransigencias com o tempo que caminha, lá escuta ao abrir da aurora, ao contemplar os primeiros clarões do crepusculo, a voz da crença sair de bocca onde já não ha dentes:

.....
Em manhã de cerração,
Estou certo, ha de voltar
El-Rei Dom Sebastião!

E passadas, voltam annos, e a manhã não chega, como annunciou o profeta!

Mas a crença inquebrantavel espera!
O Portugal legitimista espera tambem

a manhã de cerração! O seu D. Sebastião porém, está em qualquer coisa.

A traição entregava aos invasores liberdadeiros 80:000 homens de exercito, e arrancava a coroa da cabeça do Rei legitimo, e o povo legitimista, os grandes homens d'então esperaram... na espada de fogo de S. Miguel Archanjo e não esquadras da Russia! — O resultado de tanto esperar foi a ruina da patria e a morte de todas as esperanças.

Seguiu-se um periodo de soffrimento e trabalho, em que a legitimidade confiou apenas no seu esforço, e á primeira tentativa quasi chegou a triunfar.

Cahiu porém sobre o Portugal velho uma praga de homens de rabicho, incapazes de tudo, que obrigaram a nação a entregar-se á discreção na mão dos seus algozes, até que a Divina Providencia se compadeça da legitimidade, e venha organizar um exercito que combata os inimigos do altar e do throno!

E disseram os homens do rabicho á geração nova que corria ao trabalho: «para triunfardes é mister deitar-vos a dormir! Constancia e prudencia! A Providencia vela por nós!»

Mas onde está a Providencia? perguntavam os filhos que buscavam desaffrontar as cinzas dos paes, a honra da familia, a sua patria humilhada e a sua religião abatida.

A Providencia... está em Sebastopol! Esperae que Napoleão I corte a cabeça a Abdul Medjid e que os canhões de Chronstadt mettam a pique as esquadras aliadas. Sobre as torres de S. Petersburgo fluctuará a bandeira das quinas, e virá o grande Gortschakoff a Lisboa dizer á dinastia brasileira ou coburgueza — *tira-te d'ahi!*

A Providencia porém tinha-se mudado; acabou-se a guerra com a Porta, e a Providencia não veio!

Os do rabicho então recommendaram aos legitimistas «constancia e prudencia», enquanto andavam á busca da Providencia.

Ao cabo de dezeseis annos de pesquisas acharam-na! Cá está!

Foram dar com ella em Berlim!
Ainda bem!

Tudo foi animação nos arraiaes legitimistas: *aproximava-se o triunfo!* Cada tiro das metralhadoras lhes parecia um repique de sinos!

Pois que! Bismark levára os seus exercitos contra a França, assenhoreara-se da Alsacia e da Lorena, baqueára Napoleão III, estava a Alemanha ás portas de Paris; rebentára a commoção, levantára-se a republica... logo, conclusão logica ahi vem o Sr. D. Miguel pela mão do Imperador Guilherme!

Constancia e prudencia! Bismark pôs-se mal com a Providencia, e a Providencia depois de visitar o Bonga mudou-se para Bilbao. Esperae por ella, que d'alli virá

«Em manhã de cerração».

Para que é ajudar Carlos VII a vencer as hordas republicanas? Deixae os legitimistas francezes e os catholicos de todo o mundo sacrificarem-se pelo triunfo da causa santa, nós cá não necessitamos d'isso, porque temos *constancia e prudencia*, o que não teem nem hispanhoes, nem francezes, nem ninguém senão nós.

Esperae pela Providencia!
Mas a Providencia não estava em Bilbao; anda viajando: ora está hoje ao lado de Carlos VII, ora se encontra na Harzegovina, e prepara-se talvez para ir aos Estados-Unidos, se se declarar a guerra á Hispanha, ou para a India se se complicam as coisas com a Gran-Bretanha, e depois

Estou certo ha de chegar
El-Rei Dom Sebastião!

Ora diga-se se ha um paiz como o nosso, e se ha politica como a do Portugal legitimista!

Quem lá fóra observar a scena ridicula em que está figurando a grande maioria da nação portugueza, dirá e com raso, que somos um paiz de mentecaptos, ou que a legitimidade em Portugal mor-

só a gitta da gloria a estremava a par d'outras nações.

Mas a sorte na sua contingencia, de protectora, muda-se em verdugo, e roubando-lhe a doce independencia fez-lhe o collo acurvar a ferreo jugo.

O' gigante indomavel do occidente, tuas glorias pristinas onde estão?! Porque estás a enrolar occiosamente das Quinas o pendão?!

Tocou te a mão gelada da desgraça, e reduziu-te á condição do ilota... Porventura extinguiu-se aquella raça dos heroes immortaes d'Aljubarrota?

Oh! não! que recordando a tua gloria breve serás o assombro universal, agregando aos annos da tua historia Uma lauda immortal.

N'essa lauda ha um himno altisonante um poema de rara heroicidade. N'essa lauda irradia um sol ovante, n'essa lauda s'inscreve — Liberdade.

A uma voz desfaz-se em fragmentos do captiveiro o sordido grilho e de novo tremula aos quatro ventos das Quinas o pendão.

Deixae-me, pois, que ufano, delirante brade, ao ler essa pagina immortal: Que viva o luzo povo! O heroe gigante... Que viva Portugal!

D. F.

FOLHETEIRO

AO 1.º DE DEZEMBRO.

(Poesia recitada no theatro de S. Geraldo no espectáculo commemorativo do 1.º DE DEZEMBRO DE 1640, por J. de D. da S. Ferraz.)

Medonha a noite se estende por esses montes além: nem um som o espaço fende, nem o ceo estrellas tem: nem leve aragem perpassa, nem uma restea esvoça... na rua não vae ninguém.

Eis que subito resoa preache o bojo do vulcão. Não ouvis?! Lá fóra troa o vento mau do trovão. E só de luz, como ensaio, a ignea esteira do raio se alastra na escuridão.

Sobre o cerro, sobre a herdade, das profundezas do ceo a aguia da tempestade o vôo ingente abateu: tudo pulsa com a aza, tudo assola, tudo arraza, no terrivel giro seu.

Vistes o quadro?! Ligeiro corre o pincel que o traçou. A noite do captiveiro quem ha 'hi que a desenhou?

Mas avocae á memoria os horrores que a historia com ferro em braza gravou.

—Vede o colosso temivel captivo d'outro senhor. Elle—o guerreiro invencivel, patria, nucleo do valor! Elle o tão temido antes, e em cem batalhas gigantes o heroico batalhador!

Portugueses! Que se afoite de novamente o leão. Sessenta annos! Uma noite d'infinita duração. —O equivoço da desventura! Noite... a noite mais escura! —a noite da escravidão....

Ergue a fronte laureada, ó terra do meu natal; minha patria idolatrada, berço d'heroes,—Portugal. —Arca d'uma gloria infanda, —nome que rebrilha ainda entre as nações, sem rival.

Quando, com mágoa, me lembro da agrura do teu revez, o 1.º DE DEZEMBRO alvoroa-me outra vez: e sinto acabado, estreito para o conter, todo o peito, meu coração portuguez.

Da Iberia contra o risivel esbravejar dos Leões, autemoral invencivel tens em nossos corações. Responda aos alagos tredos ás cidadas, aos enredos, a bocca dos teus canhões.

Pouco importa que lá fóra alguém finja acreditar que a tua gloria d'outr'ora vae pouco e pouco a fiudar, e só te illumina a frente como a luz do sol-poente ao sepultar-se no mar.

Mentira! velho guerreiro... Mentira! ainda uma vez! Que venha cá o estrangeiro... Não chegará a murchear aos louros d'Aljubarrota em quanto houver uma gotta do saogue d'um portuguez.

Que venha! Somos teus filhos, ó terra do meu natal... Não, não mancharão os brilhos da tua gloria immortal. Em quanto tivermos vida bradaremos, fronte erguida: **Viva livre Portugal!**

D. F.

AO 1.º DE DEZEMBRO.

Só a laurea virente se alastrava no caminhar da patria de Camões:

reus ás mãos traidoras ou cobardes de especuladores ou de necios.

Por Deus! Se ha ainda pundonor n'este grande corpo politico, se ha patriotismo no coração legitimista, se ha crenças religiosas, se ha amor á memoria de nossos paes, se ha lealdade, se ha honra acabe-se d'uma vez para sempre esta farsa politica, em que a nação legitimista está representando um papel ignobil.

Que não fique á responsabilidade de todos o erro, a indolencia, a especulação, a cobardia de alguns.

Se nao se póde fazer tudo, comece-se pelo mais facil, mas saia-se d'este abatimento impossivel.

Carlos VII é a avancada de uma transformação politica que póde convir-nos? Pois unamo-nos e auxiliemo-lo para que um dia possamos pedir-lhe que nos auxilie. Quem póde esperar que sem a nossa diligencia, sem a nossa actividade, sem os nossos sacrificios e provações, virá nunca uma influencia estrangeira fazer, por si só, o que em quarenta e tres annos nós não quizeramos, nem soubemos fazer?

Pois é muito que os legitimistas de Portugal imitem pelo meos os legitimistas francezes?

Está tão pobre a nação legitimista, que nada não possa capitalisar cada mez 10 reis por individuo, para levar ao campo carlista um pequeno testemunho da nossa boa vontade, da nossa dedicacão e fraternidade politica?

Pois ninguém se envergonha de que Portugal, cuja sorte em todo o seculo actual e cuja historia em todos os tempos, tem sido tão intimamente ligada á Hispanha, esteja apenas significando a sua adhesão á causa legitimista com um oxalá cobarde e mesquinho, sendo a unica nação catholica que despreza a causa de Carlos VII?

Pois o Sr. Rei D. Miguel I, estendendo a mão a Carlos V, não contrahiu uma divida de honra que é nosso dever pagar?

As dividas d'honra de um paiz, representado no seu Rei legitimo e amado, não podem estar á mercê da negligencia e do abandono pessoal de ninguém; e a nação legitimista indo depór seu preito de saudade com soff agios christãos sobre a sepultura do Rei martir, pratica um acto de mera ostentação, quando não venera a memoria d'aquelle corôa e as affeições d'aquelle coração, que soube amar a nação portugueza, e soffrer pelos erros e crimes de muitos dos que hypocritamente o pranteiam ainda, como o enganavam outrora.

B. DE SENNA FREITAS.

ASSOCIAÇÃO CATHOLICA

Por parte da Junta Directora são prevenidos todos os membros da Associação de que no dia 8 de dezembro terá lugar na igreja do Populo pelas 8 e meia da manhã uma missa solemne, e Communhão para os que desejarem lucrar a indulgencia plenaria que lhes está concedida, tendo-se disposto pela confissão sacramental, para o que terá a Associação confesores na dita igreja na vespera da festividade.

A Junta Directora tem a honra de convidar todos os illustres socios e associadas para este solemne acto, bem como para a Academia religiosa que no domingo (infra octavam) (12) terá lugar no salão da Relação Ecclesiastica d'esta cidade, pelas 7 horas da tarde.

O salão estará aberto ás 6 horas.

O secretario,

P.^o JOÃO ANTONIO VELLOSO.

Questões velhas e questões novas

D'um amigo nosso que vive n'uma remota colonia, recebemos uma larga correspondencia da qual extractamos o seguinte:

«12 de agosto de 1875.

«Queridos redactores

Só agora me chegou á mão um artigo selvagem do «Jornal do Commercio», datado de 24 de junho. Pareceu-me conve-

niente fazer-lhe um breve commentario. Ahi vae como sair, corrente catamo. E' necessario desmascarar esta gente liberanga, que faz da penna um punhal. Ainda illudem alguns infelizes. Ha dias ouvi uma conversa passada na loja de um rico commerciante de... Dizia elle com o «J. do Com.» na mão:

«Com effeito os padres não se deviam metter em politica (e a politica não se mette com os padres?) insultando d'este modo os soberanos estrangeiros.»

O «este modo» era chamar «ladrao» a Victor Manoel, «vampiro» ao imperador Guilherme, com o resto de «ameaçar Portugal com Carlos VII», jurando o «rico commerciante nas palavras do seu Evangelho — «J. do Commercio!» o mentiroso, o calumniador por excellencia!

Alguem se atreveu a dizer-lhe:

«Mas sr. F. tem a certeza de que o prégador proferiu na igreja essas palavras que se lhe attribuem? Homens serios que assistiram ao sermão negam isso redondamente.»

Agora o vereis.

«Julga, replicou elle com enfado, que os redactores d'este jornal são alguns troca-tintas, alguns pantomineiros?» (sic), e voltou as costas.

Eis aqui até onde chega a demasiada boa fé de alguns pobres illusos. Desengane-mo-os pois, prevenindo ao mesmo tempo os que ainda não chegaram a esse estado de escravidão espirital (a peor das escravidões) aos selvagens litteratos do liberalismo hodierno.

Entremos pois na materia.

Diz o «Jornal commerciante», que se publica em Lisboa para nossa vergonha:

«Aproxima-se o dia 24 de julho, anniversario da restauração da liberdade em Lisboa, no anno de 1833, aproxima-se, pois, o dia em que os liberaes devem com estrondosos festejos lembrar-se do que elles e seus paes soffreram para se em livres, e lembrar aos vencidos os seus desastres, a sua completa derrota (graças á «quadrupla!»), e as cruéis represalias a que foram condemnados.» (sic, sic)

Antes de mais nada devo declarar que varios membros de minha familia, e até meu presadissimo pae, foram constitucionaes, e que por causa d'isso foram perseguidos (se hoje viessem estou certo que diriam, como disseram, seguido me consta, D. Carlos Mascarenhas, o marquez de Rezende e muitos outros «Ah! se conhecessemos antes de 34 a canilha com que nos mettemos!). Mas por isso mesmo é que me considero com mais direito para protestar contra estas palavras, próprias talvez de pelles vermelhas, mas não de homens que se presam de civilizados.

A confissão das «cruéis represalias» quasi se deve agradecer. Essas crueldades, e a contradicção entre a theoria e a pratica, além da impiedade intrinseca e extrinseca do Liberalismo, é que me fizeram aborrecer-o.

E declaro-vos que o aborrecço com todas as forças da minha alma, porque cada vez o encontro mais hypocrita e mais infame.

Continua o «Jornal».

«Se os reaccionarios... de mãos dadas com uns homens que dizem fallar em Deus, não procurassem minar os fundamentos da revolução, desvairando e prevendo as consciencias; se padres stultos e insolentes não lizessem do pulpito tribuna de improprios e de ameaças á liberdade; inutil era o memento do dia 24 de julho. Mas como se esquecem do passado, como nada aprenderam no meio da de-graça, e hoje abusando da liberdade, de que blasfemam, ousam ameaçar-nos, e tem os olhos postos nos reaccionarios francezes, e no carlismo, esperando o momento de sairem a campo, então celebre-se o memento do dia 24 de julho, e celebre-se o mais ruidosamente que for possível.»

O que vós celebraes é o medo de que vos achaeis possuidos, o medo de que vos fuja a presa.

De resto, «stultos e insolentes» não são por certo aquelles a quem vos referis, —bem o sabeis—; e ameaças á liberdade,—á verdadeira, e não á mentida, quem mais do que vós as costuma fazer, e as faz ainda n'este mesmo artigo que vou examinando? Por conseguinte, fazeis o mal e a caramunha.

E ainda encontraes quem vos acredite, e quem se mostre indignado porque alguem se atreve a pôr em duvida a vossa sinceridade e boa fé! Não esqueçamos porém de que está escripto: *infinitus est numerus stultorum.*

Continuas.

«...Depois, foi abolido tudo quanto podia servir de base á restauração do nefesto despotismo real; foi completa a demolição; cruel a perseguição aos que favoreceram ou podiam favorecer a tirannia; os conventos, esses ninhos de mandriões, devassos, fanalicos, e implacaveis inimigos da liberdade, foram despojados dos seus povoadores.

Entim foi derrocada até aos seus fundamentos a velha sociedade.»

Isto chama-se «cynismo». Não tem nem póde ter outro nome. Ponhamos de parte o «despotismo real», que aliás tanto vos agrada em certos casos, especialmente se for empregado contra a Igreja Catholica. Com que, destruístes, demoiestes, derrocastes tudo isso que dizeis, sem vos importar com o direito nem com a justiça, nem sequer com os mais vulgares principios humanitarios, porque tudo isso vos era ou podia ser contrario («favoreceram ou podiam favorecer», etc.) Com que carra nos fallareis mais em liberdade, e com que direito vos queixareis d'ora em diante de qualquer «tiranno» (como chamaes sempre aos que vos são adversos) que destrua e derroque tudo o que se lhe opponha, principiando por vós mesmos, que lhe sereis ou lhe podereis ser contrarios? Se elle tiver o direito da força—direito unico de que fazeis gala em vosso cynismo, sem vos lembrardes sequer de que essa mesma força, esse falso direito, tives de o mendigar ao estrangeiro (vós, proclamadores da independencia das nações—do principio da não intervenção, da soberania popular!), o tiranno poderá fazer de vós, e de nós, e de todos o que lhe approuver.

Ah! Logica!

Como estaria bem servida a sociedade e a civilização do mundo se por toda a parte fosse recebida a vossa doutrina despotica e desoladora! O que lhe vale é a doutrina christã, a doutrina d'essa Igreja Catholica, que é o vosso pesadelo, e da qual blasfemaes!

(Continuas)

Ao baptisado de que foi madrinha a Dona Sartoria.

! Pois os Quadrupla-allianceiros
Inda agora, sem vergonha,
Vem fazer-nos carantonha
C'oa Praia dos Flibusteiros?
! E, do valente Barreiros,
A Mulher do Fugitivo
Novamente vem ao vivo
Pepegar-nos bofetada,
Ser madrinha descarada
De Mindello intempestivo!

Londres, 23 de novembro de 1875.

A. R. SARAIYA.

REVISTA ESTRANGEIRA

Hispanha.

AO MEU EXERCITO DO NORTE

Voluntarios!

Eu vos dirijo a minha palavra sob a impressão d'uma viva alegria. A hora tão desejada por nós todos sou; estamos na vespera de grandes batalhas.

A revolução, commandada por um principe rebelde de minha familia, vae tentar o seu ultimo esforço para nos subjugar. Na presenca da inutilidade de todos os meios a que elles teem recorrido, desde os mais cruéis até aos mais vis, e mais hypocritas, nossos inimigos pretendem esmagar-nos hoje debaixo do numero dos seus batalhões. Elles não conhecem a nossa força; almas envellecidas nunca comprehenderão o valor da fé que nos torna invenciveis. Lembrae-vos do passado.

No dia 2 de maio de 1872 eu me apresentei a vós, acompanhado somente de 18 homens, que não tinham outras armas além de paus montanhezes; dois dias depois veio o desastre de Oriquieta e eu tornei a passar a fronteira vencido, mas não desanimado; nunca perdi a confiança em Deus e em meu direito. No dia 16 de julho de 1873, entrei de novo em Hispanha; vós estaveis anciosos por combater, e eu corri para combater ao vosso lado.

Manera, Monte Jura, Somorrostro testemunharam o vosso indomavel valor: os grandes feitos de Abarzuza espantaram to-

do o mundo. Em Lacar, o principe rebelde teve de fugir precipitadamente e as ossadas de seus soldados cobriam as nossas collinas. Em Choritoquieta e em Lum-bier vossos braços cansaram-se de ferir; por toda a parte, finalmente, a fortuna vos tem seguido como uma escrava submissa. Ora pois! a corações assim experimentados não é necessario occultar a verdade: o vossa valor augmentará á medida que augmentarem os perigos.

Madrid vae desencadear sobre estas provincias cem mil, talvez duzentos mil homens.

Que venham! Com soldados como vós não se contam os inimigos senão depois da victoria. Que venham! Sua feroz impetuosidade se despedaçará contra vossos peitos como as ondas do mar furioso se despedaçam contra o rochedo immovel. Nós teemos dias terriveis, dias de suprema amargura. A'vante! o triunfo definitivo é para nós.

Nos momentos de provas, temperae vossas almas na lembrança de vossas proprias glorias e nas glorias de vossos antecessores.

Nunca n'elles houve um semblante de fraqueza. No principio da sanguinolenta guerra contra o capitão do seculo, as fortalezas, a corte, as cidades tudo estava em poder do invasor. Não obstante nossos paes levantaram-se sem armas, e lutarão até que as aguas francezas, feridas de morte, repassaram os Pyreneos de um voo vacillante para ir morrer a Santa Helena.

A Hispanha inteira fez cabir Napoleão. Vós unicas barreiras da revolução europea, tendes com a ponta de vossas baionetas, derrubado o throno estrangeiro de Amadeu de Saboia, esta eterna mancha para os monarchistas hispanhoes; a republica atheista, esta afronta para os corações catholicos; a dictadura inuenta, esta vergonha para ativos cidadãos!

Afonso cahirá da mesma sorte. Em vão, a tempestade revolucionaria romperá sobre as nossas cabeças; o raio que ameaça os edificios se despedaçará imponemente contra a agulha que os protege.

Eu estou sosegado, tranquillo, inalteravel, como convém a um hispanhol, como convém a um soldado. Imitae-me. Se os dias que eu vos annuncio chegam, pronunciae sem temor o que importa dos heroes de 1808: um revez não será mais que o preludio de uma nova lucta. A constancia é a victoria.

Aquelles que procurarem fazer-vos enfraquecer desprezae-os; aquelles que tentarem semear a duvida ou a desconfiança, denunciae-os aos vossos chefes para que sejam castigados. E esperando a hora do combate, santificae o vosso coração elevando-o para Deus por quem combatemos e que, mais uma vez, estenderá a sua mão poderosa e reduzirá a nada os nossos orgulhosos inimigos.

Manobras infelizes tornaram estereis as fadigas dos nossos irmãos da Catalonha e do Centro; mas certo nas suas abruptas montanhas retumbará de novo o grito de: *Desperta ferro!* e sobre os seus cumes fluctuará de novo a nossa bandeira sem mancha.

As outras provincias agitam-se para nos ajudar; ellas teem tido recentes provas da nossa abnegação e do nosso patriotismo.

Voluntarios! ávante: grandes soffrimentos nos esperam: a fome, o frio, a nudez, a fadiga. Eu partilharei convosco. As grandes causas exigem immensos sacrificios. Mas nós venceremos, eu volto asseguro.

Voluntarios! por vossa constancia vós salvareis as santas crenças de nossos paes, vós salvareis a Hispanha, salvareis a monarchia, salvareis nossas antigas liberdades.

Voluntarios, ao combate! E pensae que se, vivos a corôa dos heroes deve cingir as nossas cabeças, a palma gloriosa dos martires cobrirá o tumulo d'aquelles que morrerem sobre os campos de batalha combatendo pelo seu Deus, pela sua patria e pelo seu rei.

Vosso rei e general,

CARLOS.

Quartel Real de Durango, 23 de novembro de 1875.

Diz um telegramma da Agencia Havas:

Corre o boato de que o vapor inglez «London» operou em Motrico um desemque importante para os carlistas.

—Do «Monde»:

«Lê-se no «Cuartel Real» de 21 de novembro:—Chegou ao conhecimento de S. M. o rei que certos individuos se apresentam em Hispanha e ao estrangeiro como encarregados de recolher fundos em favor da causa carlista, e que com a ajuda de documentos apócrifos ou falsos, abusam da boa fé de pessoas dedicadas á nossa bandeira. Estamos auctorisados a declarar que S. M. não encarregou nenhum hispanhol, quem quer que seja, para recolher fundos em parte alguma, nem para elle, nem para a sua causa. Damos este aviso afim de que nossos amigos não se deixam surpreender por homens de má fé, que mesmo podem ser inimigos que exploram as sympathias que a causa real excita em toda a partes.

GAZETILHA

O dia 1.º de dezembro.—Foi este glorioso anniversario entusiasticamente festejado n'esta cidade. A commissão organisa da para os festejos d'esse dia compriu bizarramente o programma, que a seu tempo annunciámos. Ao romper d'alva, ao meio dia e á noite duas bandas de musica percorreram as ruas da cidade tocando o himno da *Independencia*. Pelas 4 e meia horas da tarde celebrou-se na Sé um solemne *Te-Deum* precedido d'uma oração gratulatoria recitada pelo sr. padre Marroco, joven de incontestavel talento, e orador muito apreciado. S. s.ª desenvolveu, com muita proficiencia, o seguinte assumpto: O dia felicissimo da nossa Restauração jámais será esquecido, antes sempre solemnisado, por ser na ordem social, pela unidade politica, a maior grandeza e gloria da nossa patria; e na ordem religiosa, pela unidade da fé, o maior beneficio de Deus e a mais larga recompensa do céo.

O vasto templo da Sé achava-se decorado com muito gosto.

A noite illuminaram-se quasi todas as casas da cidade e alguns estabelecimentos publicos.

No theatro de S. Geraldo subiu á scena o drama do immortal Almeida Garrett *D. Philippa de Vilhena*, desempenhado por alguns curiosos que geralmente agradaram.

Nos intervallos dos actos recitaram poesias os snrs: João de Deus da S. Ferraz, José A. Nunes Ferreira, J. A. Pereira, J. A. de Simas Machado e M. J. D. Ribeiro.

Os versos recitados pelos dois primeiros são da lavra do nosso collega Dias Freitas.

Damos merecidos louvores aos membros da classe scolastica que promoveram os festejos commemorativos da nossa heroica restauração.

Fallecimento.—Em a noite de quarta para quinta-feira falleceu repentinamente o sr. Manoel Monteiro Gonçalves d'Oliveira, distincto medico-cirurgico, n'esta cidade.

Era cavalheiro d'excelentes qualidades e geralmente estimado.

Acompanhamos na dôr que a opprime a ex^{ma} familia do finado.

«Diario de Noticias».—Ao «Diario de Noticias» offerecemos o seguinte, em nome da sua amiguinha, a «Correspondencia» á qual d'ista vez, e sem escrúpulo, diremos: nunca as mãos te doiam.

«Um reparo.»—Não diremos que a carta de namoro na secção dos annuncios offenda a moral publica. Por Deus, que não diremos tal! Quando a moral tem por praxistas a sr^a D. Cicilia Maria Fernandes e seu marido Marcos, não admira que o seu codigo esteja disperso por diferentes partes, de mistura com o *Instituto Vaccinico do sr. Bourquin*, a *Agua Circassiana* e o *leitão de penhores da rua de S. Bento n.º 45*.

Encontramos o facto muito digno de applauso. O namoro do saboro a seu amor e sabe onde deve jantar, e unido o sentimento com o estomago, estabelecendo a sua harmonia, e determinando as suas relações, é benemerito da sciencia, e a psychologia terá de registrar a descoberta.

O nosso reparo é, pois, muito simples. Se um redactor de qualquer jornal, muito distincto ao seu trato, fosse recebido em casa de um amigo, como se costumava dizer, com os braços abertos, e levasse escondido um perfido bilhetinho para a menina V., no caso de se vir a descobrir este facto, os braços fechavam-se, e a tranca era tirada da ociosidade do

canto da porta para exercer o seu bellico mister.

Ora o jornal é o redactor que se fez papel, e que se imprimiu. Vae alli a sua pessoa, o seu cavalheirismo; vão alli as suas ideias, e por consequencia, na materia *carta de namoro*, vae um alcoviteiro.

Por isso achamos logico o seguinte: que o pae da menina V., que bateu no redactor em carne e osso, e com a tranca da porta, toze o redactor em papel, com meus barulho e com igual effeito—negando-lhe os 10 reis do costume.»

A «Correspondencia» só dirigiremos por ultimo duas palavras:—Não lhe parece que, *mutatis mutandis*, se deveria fazer ao seu periodico e a outros que taes, no seio das familias catholicas, onde entraram com pés de lã e com ar abeatado, a mesma recepção que acha logico seja feita pelo pae da menina a certas folhas, toda a vez e hora que insinuam protestantismo, ou materialismo, ou positivismo, ou racionalismo anti-christão—naçãoismo n'uma palavra, que é o aggregado de todos estes erros e de muitos outros?

Sociedade geografica de Lisboa.—Consta-nos que o exm.º sr. Vicente Pedro Dias, actual professor de Philo sophia no Lyceu d'esta cidade, e uma das maiores illustrações do nosso professorado, foi nomeado socio fundador da nova *Sociedade geografica de Lisboa*, cujos estatutos já foram submetidos á approvação do governo.

A ser verdade, como cremos, o que se nos affirma, folgamos com a distincção que aquelle cavalheiro, por todos os titulos respeitavel, acaba de receber. A profunda erudição, a par d'outras qualidades igualmente notaveis, que o distinctissimo lente possui, faz de s. exc.ª o ornamento e o lustre da nobre classe a que pertence.

Muito antes de termos o desvanecimento de escutar as sabias preleções do sr. Vicente Pedro Dias, preleções que da a dia attraem á sua aula, no Lyceu, mais crescido numero de ouvintes, já nós veneravamos o nome de s. ex.ª como o d'uma das raras intelligencias privilegiadas que encaucem no estudo aturado e profundo, mas jámais sentem fadiga na senda espinhosa d'ys letras; como um caracter, que, pela sua inquebrantavel probidade, se impõe á veneração dos que não sabem ri estultamente das unicas realidades que o este mundo julgamos dignas da nossa admiração respeitosa:—a virtude e o saber.

Não nos acobrem de aduladores: nunca o fomos, jámais o saberemos ser. Não temos relações de intimidade com o cavalheiro de que vimos fallando; obedecemos a um preceito de justiça que não devemos, nem quereamos postergar.

A *Sociedade geografica de Lisboa* deve afanar-se de contar entre os seus membros o sr. Vicente Pedro Dias, que, repetimos, é uma das maiores illustrações do nosso professorado, como o asseveram todos os que o conhecem, e como o prova o desempenho de varias commissões litterarias de que s. ex.ª tem sido encarregado pelos governos.

Aviso aos directores diocesanos e locais do Apostolado da Oração.—Sua Santidade, em audiencia concedida a 3 de maio d'este anno, concedeu a todos os directores diocesanos e locais do Apostolado o grande privilegio e facultade de poderem applicar as indulgencias apostolicas e as de Santa Brigida ás cruzes, medalhas e rosarios, sob a condição de que organsem pelo menos 20 quinzenas do *Rosario perenne*.

Os bilhetes do *Rosario* podem-se pedir ao Centro do Apostolado, ou ao revd.º padre Daniel T. Rademaker—Rua da Lapa, n.º 161, Lisboa.

O revd.º padre Ramière, director geral do *Apostolado da Oração*, acaba de dirigir uma circular a todos os Vigarios Apostolicos, participando-lhes que o Santo Padre concedeu benignamente indulgencia plenaria a todos os fiéis que não tendo podido fazer a sua consagração ao Divino Coração de Jesus, a 16 de Junho, por habitarem em paizes longinuos, aonde não chegou a tempo a noticia, ou por outro qualquer motivo, a fizerem do modo já indicado no dia 26 de dezembro do corrente anno.

Tambem os convida a fazerem uma petição commum, para se erigir um altar em nome de todos os missionarios do mundo catholico ao Divino Redemptor Jesus, debaixo do titulo de «Mestre dos Apostolos—*Magister Apostolorum*» em o novo

templo que no centro de Paris se vae elevar em honra do Santissimo Coração de Jesus.

Abertura de talhos.—A *Companhia edificadora e industrial bracarense* abre amanhã dois novos talhos, um no campo de Sant'Anna, n.º 71, e outro no campo de D. Luiz 1.º e frente para a nova rua da feira do gado.

E' um melhoramento que deve ser acolhido com alvoroço pelos habitantes d'esta cidade.

A direcção da *Companhia edificadora* offereceu-nos, o que muito agradecemos, uma tabella indicativa da qualidade da carne, boi e vitella, e os seus respectivos preços, que são: vitella, 110 e 120; carne de boi, 110, 120 e 150,—cada meio kilograma ou 500 grammas.

Audiencias geraes.—Foram julgados os seguintes reos:

Novembro, 24. Antonio Augusto d'Araujo da Silva, da cidade do Porto, pelo crime de falsificação d'uma procuração: absolvido.

26. Joaquim José Moreira da Silva, da freguezia de S. Pedro d'Escudeiros, pelo crime de resistencia á justiça: absolvido.

27. Miguel José Lopes, d'esta cidade, pelo crime de roubo: absolvido.

Dezembro, 1. Clara, casada, d'esta cidade, pelo crime de subtracção d'objectos: absolvida.

Illustre enfermo.—Acha-se ainda gravemente enfermo o excm.º barão de Soutello, irmão do excm.º visconde da Torre.

De todo o coração desejamos o completo restabelecimento d'aquelle prestante cavalheiro.

«Dicionario Popular»—Recebemos e agradecemos o fasciculo n.º 8 do *Dicionario Popular*, obra importantissima, que se está publicando na capital.

O escriptorio da empreza é na rua da Atalaya, n.º 173—Lisboa.

Publicação recommendavel.—O nosso illustrado collega do «Jornal da Manhã» tem publicado em cahnetas uma *Revista financeira*, que se torna muito e muito recommendavel.

Agradecemos os fasciculos que nos tem sido enviados.

Aviso—O «Diario do Governo», n.º 275, publica um aviso aos herdeiros de José Ferreira, natural d'esta cidade, filho de Antonio Carvalho, da Ponte, relativo á entrega de 32:000 pezos, depositados no Banco de Londres e Rio da Prata, ao consul portuguez em Montevidéu, pertencentes ao espolio do finado.

EXPEDIENTE DA ADMINISTRAÇÃO.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Rogamos áquelles que ainda se acham em debito de suas assignatura, que tenham em vista as condições da mesma; pois alguns temos que não a reformando até fins do corrente, ver-nos-hemos forçados, bem contra nossa vontade, a suspender-lhes o jornal.

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa fariinha de saúde.

DU BARRY de Londres.

27 annos d'invariavel successo

1 Nenhuma enfermidade resiste á deliciosa *Revalesscière* que cura as indigestões (despepziás) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, náuseas, vomitos, irritação intestinal, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, athma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desórdenes no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do ligado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue, 75:000 curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluskow, da ex.ª sr.ª marquezia de Brehan, do doutor Manuel Saens de Tejada da Universidade de Cordova, etc. etc.

Mr. Livingstone, celebre explorador da Africa central, no seu relatório que fez á Sociedade Real Geografica de Londres sobre a sua viagem diz:

«Os habitantes da provincia d'Angola parecem gozar uma grande felicidade, elles não precisam nem medicos nem pur-

gantes, o seu principal alimento sendo a *Revalesscière* que Du Barry trouxe em «Europa, veem-se isentos das molestias, e a tísica pulmonar, escrophulas, empiagens, cancer, febres, difficuldade de evacuar, diarrhea, etc., etc., são molestias completamente desconhecidas, como tambem desconhecem as bexigas, o sarampo, etc.»

Certificado do Dr. Manuel Saens de Tejada, doutor da faculdade Medica Cirurgica, lente da Universidade livre de Cordova, medico em proprio e do caminho de ferro de Merida a Sevilla, etc.

Certifico: Que com o uso da *Revalesscière*, obtive na minha clinica varias curas em molestias gravissimas em alguns clientes residentes n'esta cidade, lembrando-me o de D. Filipe Zappina empregado publico, hoje administrador da alfândega de Manifa nas ilhas Philippinas, a de D. Amelia Gomes, casada com um chefe do exercito, a qual continua a melhorar com o seu uso; de D. Ramon Alonzo, rapaz de vinte annos que soffria havia alguns mezes de uma molestia de peito de muita gravidade. E para fazer constar em toda a parte, a assigno em Cordova em 13 de outubro de 1873.

Doutor Manuel Saens de Tejada.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economica cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 300; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 18400 reis; de 2 1/2 kilos, 35200 reis; de 6 kilos, 65400 reis, e de 12 kilos, 125000 reis.

Os biscoitos da *Revalesscière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 18400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalesscière chocolata*; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia as carnes duras ás pessoas, e ás creanças e mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus, ou em pó em caixas de folha de lata de 10 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 820 reis; de 48 chavenas, 18400; de 120 chavenas, 35200 reis, ou 25 reis cada chavena.

DU BARRY DU BARRY & C.ª—Place Vendôme, 26, Paris; 77 Regent Street Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; sr. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Baral & Irmãos, rua Aurea, 12, Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Barcharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desfré Rahir; Coimbra, V. Botelho de Vasconcellos; Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.; Barcellos, Ramos, pharm.; Braga, Pharmacia Maia, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, Domingos J. V. Machado, praça Municipal, Figueira, Antonio Vieira, pharm.; Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.; Penafiel, Miranda, pharm.; Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.; Poveas do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.; Vianna do Castello, Afonso e Barros, droguistas; Villa do Conde, A. L. Maia Torres pharm.

ANNUNCIOS

MESTRA

Precisa-se d'uma mestra de meninas para uma casa particular. E' preferida a que souber tocar pianno, sem que, contudo, esta circumstancia seja essencial.

Quem pretender queira dirigir-se a Luiz Pinto Martins, na typographia d'este jornal.

CONTRA-ANNUNCIO

Os abaixo assignados previnem o publico, de que os bens de Louredo, cuja venda tem sido annunciada n'este jornal, para se tratar com o revd.º Estevão Gomes Cardoso, da freguezia d'Avellada, estão sujeitos a condições e clausulas, que se oppõe á dita venda, sem o concurso de todos os signatarios d'este aviso, e além d'isto está n'elles envolvida uma legitima que a todos pertence, e cuja parte respectiva ainda se não liquidou.

João Antonio Ferreira Villaga
Luiz Joaquim Gomes Cardoso.

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio de Fortuna, a requerimento de João José Ferreira, solteiro, de maior idade, do lugar do Padrão, da freguezia de S. Paio de Merelim, correm editos de 30 dias a citar toda e qual pessoa incerta para na segunda audiencia que lhes hade ser assignada na audiencia do dia 9 do proximo futuro mez de Dezembro pela 10 horas da manhã, no respectivo tribunal judicial, apresentarem a contestação ou impugnação aos Itens justificativos que para materia de recrutamento, deduziu o requerente, sob pena de revelia e lançamento.

O solicitador,

2831 Paulino Evaristó da Rocha.

PREVENÇÃO

Tendo fallecido o snr. Francisco Nogueira da Costa Taipa, previne-se que o dinheiro que o fallecido tinha de receber do Brazil, só poderá ser recebido pelos herdeiros do mesmo. (2832)

Companhia Edificadora e Industrial Bracarense

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL 500.000\$000

1.ª Emissão 100.000\$000

São convidados os snrs. accionistas d'esta Companhia a effectuarem a 4.ª entrada de 5 p.c. ou 1\$250 por acção nos dias 13 a 20 do corrente mez no escriptorio da Companhia—Campo de Sant'Anna n.º 71 D 2.º andar, das 10 horas da manhã até ás 2 da tarde.

Braga 2 de dezembro de 1875.

Os directores

José Alves de Moura

Francisco da Silva Araujo

João Carlos Pereira Lobato

2833

ESPECIALIDADE

Alexandre Casaline, com estabelecimento de chapéus na rua de Santo Antonio, n.º 90—Porto.—Acaba de abrir n'esta cidade uma filial, que offerece ao respeitavel publico bracarense, um lindo e variado sortido de chapéus, tanto para senhora como para creança, todos executados pelos ultimos figurinos parisienses.

Tambem tem á venda tul preto, flores e plumas, etc., etc.

Preços convidativos e fixos.

Recebem-se encomendas

32—Rua do Souto—32 (2806)

VENDA IMPORTANTE

Vendem-se as quintas do Barral e de Fund-Villa, ou as do Paço e Sandarão em grupos de duas para um lado e duas para outro, por assim se acharem ligadas, ou cada uma sobre si, com suas respectivas pertencas conforme sua descripção no respectivo inventario, e todas sitas na freguezia de Semelhe, suburbios d'esta cidade.

Tratam-se com a excm.ª gerencia do Banco do Minho. (2819)

500\$ 00 réis a juro

2828 Dá-se esta quantia a juro de 5 p. c. na irmandade das almas de S. Vicente d'esta cidade. Quem d'ella precisar dirija-se á meza da mesma irmandade, requerendo na forma do estilo e nomeando hepotheca e fiadores que apresenta para garantia da mesma quantia.

APROVEITE QUEM QUIZER

Antonio Gomes da Silva, jardineiro da casa real e do Palacio de Christal, chegou a esta cidade com plantas que recebeu ultimamente do estrangeiro e que offerece ao respeitavel publico, por o mesmo preço do seu catalogo, no Porto, as quaes são arvores fructiferas de sombra e arbustos para jardim ou parques.

Demora-se até ao fim d'este mez.

Baixos dos Dois Amigos. (152) (2830)

ALMEIDA & PEREIRA

Largo do Barão de S. Martinho n.º 18 Compram e vendem acções de todos os bancos e companhias, e inscripções d'assentamento e coupons. (1)

HABILITAÇÃO LOTERICA

SECÇÃO DE ENTRADAS A PREÇOS REDUZIDOS EM SÉRIES DE 6, 12, OU 24 LOTERIAS

(2804)

(SUCCESSIVAS OU ALTERADAS)

Lonrenço Marques d'Almeida, desejando satisfazer o desejo d'alguns dos numerosos e muito estimaveis freguezes do seu estabelecimento, deliberou abrir esta secção d'entradas, que já, pela *redução dos preços*, já pela commodidade de poder qualquer habilitar-se, *sem mais ter d'encomodar-se*, é de summa vantagem para os amadores do jogo da Loteria.

Recebe ainda assignaturas, para o que remette as listas de subscrição e mais instrucções, a quem as pedir.

As requisições devem ser dirigidas a

LOURENÇO MARQUES D'ALMEIDA—Rua das Flores, n.º 112—PORTO.

OS PREÇOS D'ENTRADA, SÃO OS SEGUINTES:

SÉRIES DE 6 LOTERIAS	SÉRIES DE 12 LOTERIAS	SÉRIES DE 24 LOTERIAS
PREÇOS DE ENTRADA, COM DIREITO A	PREÇOS DE ENTRADAS COM DIREITO A	PREÇOS DE ENTRADA COM DIREITO A
Uma cautella de 600 réis 3\$350	Uma cautella de 600 réis 7\$000	Uma cautella de 600 réis 13\$800
Um decimo de 1\$350 réis 8\$000	Um decimo de 1\$350 réis 15\$600	Um decimo de 1\$350 réis 31\$000
Um quinto de 2\$600 réis 15\$400	Um quinto de 2\$600 réis 30\$500	Um quinto de 2\$600 réis 60\$000
Meio bilhete de 6\$500 réis 38\$600	Meio bilhete de 6\$500 réis 77\$000	Meio bilhete de 6\$500 réis 152\$000
Um bilhete de 13\$000 réis 77\$000	Um bilhete de 13\$000 réis 152\$000	Um bilhete de 13\$000 réis 300\$000

TODOS OS MEZES SE EXTRAHEM 3 LOTERIAS

Assim, a série de 6 loterias, sendo successiva, terminará em 2 mezes; sendo alterada, póde prolongar-se a 3 ou 6 mezes. A série de 12 loterias, sendo successiva, terminará em 4 mezes; alterada, póde prolongar-se a 6 ou 12 mezes. A série de 24 loterias, sendo successiva, terminará em 8 mezes; alterada, póde prolongar-se a 12 ou 24 mezes.

HABILITAÇÃO EM NUMEROS CERTOS OU VARIÁVEIS

A habilitação póde ser em **numeros certos ou variáveis**, isto é póde o subscriptor jogar no mesmo numero em todas as loterias, como póde em cada uma d'ellas jogar com numero diferente.

Em qualquer dos casos, receberá opportunamente, em todas as loterias respectivas, a fracção ou bilhete correspondente á sua entrada.

BRINDE

A todos os Snrs. que subscreverem para a HABILITAÇÃO LOTERICA, será opportunamente enviado como **brinde**, um apparatus folheto, nitidamente impresso, contendo a relação completa de todos os numeros que desde a abertura d'este estabelecimento (julho de 1872) até ao fim do corrente anno, n'elle sahiram premiados com premios superiores á quantia de 100\$000 réis, os quaes entre si formam uma importante collecção.

Conterá além d'isto o mesmo folheto o calendario para o anno de 1876; a tabella dos portes do correio, lei do sello; horario dos Caminhos de Ferro do Minho, bem como outras varias annotações d'utilidade.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer sallas, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (Z*)

DOCTOR IN ABSENTIA

O professor em artes, letras e sciencias, membro do clero e magistrados, todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra). (T*)

NOVA CHAPELERIA

DE ALMEIDA MAIA

(ANTIGA CHAPELERIA CAMPOS)

44—Rua do Souto—44—Braga

Faz publico, por este meio para todos os effeitos, que tendo-se dissolvido a sociedade que girava, sob a firma, **Campos & Almeida**, fica de hora avante girando sob a firma de **Almeida Maia**, onde ha um variado sortido de chapéus de feltro, caximira seda, das melhores fabricas. Tambem fabrica, concerta e põe á moda, com perfeição, todo e qualquer chapéu. Preços os mais razoaveis. (1.ª)

ARMAZEM DE VINHOS

DO ALTO DOURO

DA CASA DE VILLA POUCA

RUA DO SOUTO N.º 15—Braga.

N'este armazem se encontram a retalho as seguintes qualidades de vinhos engrafados:

- Vinho tinto de meza. (sem garrafa) 150
- » » » » » 190
- » Lagrima 200
- » Branco de meza. 210
- » tinto de meza fino. 270
- » de prova secca. 300
- » Malvasia de 2.ª. 360
- » » velho. 400
- » Malvasia, Bastardo e Moscatel a 50º 700
- » Roncão 560
- » Alvaralhão. 600
- » Velho de 1854 600
- » a retalho para meza 50 e 80, o guardião tinto, e branco 120.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chymico. (N*)

BANCO DE BRAGANCA

AGENCIA EM BRAGA

Praça do Barão de S. Martinho

Recebe-se dinheiro á ordem e praso, pelas seguintes taxas:

A' ordem.	3 0/0
A praso de 2 mezes.	3 1/2
» » 4 »	4 1/2
» » 6 »	5 0/0
» » 12 »	5 1/2

Faz todas as operações consignadas nos estatutos.

Os agentes, Ferreira Borges & C.ª (2.ª)

BANCO DE VIANNA

Agente em Braga

ANTONIO JOSE ALVES DE CASTRO

31, Largo da Senhora A Branca, 31

Faz as seguintes operações: Desconta letras da terra e de cambio. Encarrega-se da compra e venda de papeis de credito. Recebe dinheiro á ordem e a praso abonando juros. Empresta sobre penhores d'ouro; prata, inscripções, accções de bancos e companhias. Saca sobre praças do reino e estrangeiras, onde o Banco tem agencias (3.ª)